



As tecnologias digitais no ensino e aprendizagem de línguas **Vol. 20, nº 1, 2016**

APRESENTAÇÃO

Embora alguns estudos nas décadas anteriores já tenham tematizado as diferenças entre as modalidades oral e escrita, foi principalmente a partir de meados da década de 1980 e na década seguinte que a literatura na área da Linguística Aplicada apresentou um volume mais expressivo de reflexões sobre as particularidades da escrita, uma forma de comunicação já presente na circulação social por séculos. Enquanto a academia buscava entender, de forma mais aprofundada, as normas que regiam o uso dessas modalidades expressivas, o processo de globalização do mercado e da cultura promoveu um investimento massivo nas tecnologias digitais e, principalmente a partir da década de 1990, testemunhamos um avanço extremamente rápido das tecnologias digitais a serviço das trocas de informação e comunicação (TDICs).

Iniciadas pela web 1.0, essas mudanças não só integraram em um único meio linguagens já estabilizadas na circulação social nas mídias analógicas, como também ampliaram a circulação de textos já que a internet permitia acesso, em escala internacional, às matrizes textuais, dispensando a necessidade de reprodução de cópias. A junção de linguagens, assim como a forma de consulta importada e aprimorada da tecnologia já existente dos bancos de dados, deu espaço para formas de consultas e leitura ágeis e inovadoras debatidas nos estudos sobre leitura e produção de hipertextos e formas de expressão hipermídia.

A abertura de canais de interação entre usuários da internet, promovidas pela web 2.0, facilitou a comunicação a distância, e a produção de ferramentas de autoria possibilitou que leigos cada vez mais se apropriassem de formas de expressão multimídia e hipermídia, gerando um conjunto de novos gêneros comunicativos em ambientes digitais, cada vez mais coletivos e interativos.

A chamada web 3.0 trouxe consigo avanços significativos na tecnologia de suporte textual. As máquinas tornaram-se não só portáteis, mas também multifuncionais, como é o caso dos smartphones. A conexão propiciada pelas redes sem fio, aliada à popularização da tecnologia pela queda relativa do custo de acesso, tornou as TDICs

* Fonte: <http://www.housepress.com.br/blogPress/Gates-une-tecnologia-e-proximidade-para-ampliar-o-suporte-aos-clientes>

ubíquas, propiciando o surgimento da “sociedade conectada” e das redes sociais que hoje circulam na internet.

Essa breve retrospectiva ressalta que, em um curto período de algumas décadas, a sociedade mudou em um ritmo acelerado e há muitas lacunas na compreensão teórica sobre essa nova realidade e as mudanças que ela traz para as práticas de letramento e práticas educacionais.

Considerando esse conjunto de mudanças e a necessidade existente de um maior aprofundamento das reflexões teóricas que explorem temas relacionados à área de Linguagens, Tecnologias e Práticas Sociais e Educativas, a Revista Veredas optou por dedicar dois volumes, a serem lançados em 2016 e 2017, para estudos voltados a essas questões. Devido à distância criada entre sociedade e práticas educacionais formais, o volume de 2016 apresenta um conjunto de estudos que ilustram possibilidades trazidas pelas TDICs para as iniciativas de ensino e alguns problemas enfrentados nessa transição de culturas de ensinar e aprender. Embora haja preocupações marcadas com questões de ensino, buscando salientar que as questões relativas às TDICs são mais abrangentes, os dois volumes ampliam o horizonte de reflexão para incluir novas funções sociais trazidas pela tecnologia digital oral e recursos oferecidos para o acesso de pessoas com necessidades especiais, antes excluídas pela escrita tradicional, à informação.

Entendendo que a passagem de orientações teóricas para práticas concretas de ensino é um processo extremamente complexo, as organizadoras desses dois volumes temáticos da Revista Veredas também contaram com a colaboração de colegas para apresentar e discutir iniciativas de natureza aplicada a serem publicadas em seção especial no volume de 2017. Essa orientação foi motivada pelo entendimento de que propostas práticas que se aventuram nessa direção oferecem contribuições relevantes tanto para professores em serviço, que podem por meio das mesmas ter inspiração para mudanças nas práticas de ensino, como para teóricos que podem também, através da explicitação dessas práticas, perceber lacunas de conhecimento na literatura existente. Visando ampliar a circulação e o acesso a essas e outras iniciativas de natureza pedagógica, os artigos a serem incluídos nessa nova seção no volume de 2017 também poderão ser acessados pelo site “Ambientes Digitais” (<http://ambientesdigitais.iel.unicamp.br/>), coordenado pela profa. Dr. Denise Bértoli Braga, uma das editoras convidadas dos volumes de 2016 e 2017 aqui apresentados.

O Volume temático de 2016 é constituído de 10 artigos. O primeiro texto que abre o presente volume, de autoria de Costa, Fialho, Beviláqua e Leffa, delinea o estado da arte das pesquisas no Brasil que elegem como foco de análise os recursos educacionais abertos. A discussão do estudo aponta uma interface entre a Linguística Aplicada e a área de Educação e permite um olhar mais abrangente sobre um tema que ainda é pouco explorado nas publicações nacionais.

A seguir, os artigos de Pardo e de Cecchin e Reis exploram a construção de narrativas multimodais em práticas de ensino de língua estrangeira e materna, respectivamente. Refletir sobre essas questões é extremamente pertinente, tendo em vista que os recursos multimodais oferecem não só novas possibilidades de contextualizar de forma significativa os usos do aspecto verbal de línguas estrangeiras, como também permitem que alunos principiantes se aventurem a construir e se engajar em mensagens mais complexas, já que recursos de outras linguagens podem auxiliá-los a compensar limites de seu conhecimento na língua alvo na construção de textos significativos.

O quarto texto que compõe esse volume, de autoria de Lima e Araújo, também explora o ensino de língua estrangeira, mas na modalidade a distância e tendo como objetivo a formação de professores de língua inglesa. O foco dado à produção e

compreensão oral é pertinente, pois é inegável que os recursos digitais ampliaram as possibilidades de prática de ambas as habilidades. No entanto, como indica o estudo, as tarefas propostas para o desenvolvimento da produção e recepção oral não adotam diretrizes pedagógicas que as teorias de ensino aprendizagem têm salientado como sendo mais promissoras. Isso certamente reforça a noção de que não são os recursos, mas os usos que fazemos deles que propiciam mudanças significativas nas práticas pedagógicas.

Ainda refletindo sobre o processo de formação de professores, o quinto texto de Silva, Magalhães, Gonçalves e Buin nos leva a considerar que o fato dos aprendizes serem usuários de internet e mesmo estando familiarizados com diferentes letramentos digitais, isso não garante que estejam preparados para usar esse tipo de experiência prévia cotidiana em atividades de estudo formal, como ilustraria a busca de informação para a construção de infográficos. A falta de preparo dos aprendizes para realizar de forma satisfatória a tarefa proposta, mostra a necessidade de avaliarmos, com mais cuidado, a natureza das atividades pedagógicas que são desenvolvidas para promover a aprendizagem e a forma como se explora o meio digital tanto para aprendizagem colaborativa quanto para estudo autônomo e também os recursos de apoio disponibilizados aos aprendizes.

O sexto e o sétimo artigos enfocam essa questão de materiais de apoio, privilegiando os glossários e dicionários. A aquisição de vocabulário é essencial tanto no contexto de língua estrangeira como no de língua materna. No primeiro contexto, a habilidade de expressão de sentidos em um novo sistema linguístico é abordada. E é recorrentemente apontado como um problema para aprendizes, já que a aquisição de novo vocabulário é potencialmente infinda. No segundo, a situação de aprendizagem de vocabulário na língua materna, convida o leitor a refletir sobre possibilidades de adequar os dicionários para usos e públicos específicos. O texto de Procópio e Ribeiro levam o leitor a considerar que a aprendizagem implícita do conhecimento lexical em língua estrangeira pode ser beneficiada com o auxílio de glossários que explorem recursos hipermídia. O estudo de Gonçalves e Delvizio delineiam a viabilidade de dicionários temáticos desenvolvidos para uso de alunos das séries finais do ensino fundamental e ressaltam uma relação dialética pertinente entre a produção desse tipo específico de dicionário e a teoria de lexicografia.

O oitavo e o nono textos desse volume exploram a questão da interação online. A possibilidade de ampliar a comunicação entre os alunos representou, certamente, um grande avanço na concretização da aprendizagem colaborativa e mais centrada no aprendiz que, embora proposta há várias décadas na área da Educação, tinha dificuldades de contornar as barreiras de espaço e tempo que afetam o ensino presencial. O estudo de Rabello e Tavares ressaltam como o uso de ambientes digitais que favorecem a interação e a troca de informação entre usuários podem contribuir positivamente para a motivação dos alunos e também para expandir questões trabalhadas no contexto presencial. O artigo de Barbosa e Borges ressaltam, além da perspectiva avaliativa dos alunos, que é necessário desenvolvermos instrumentos que nos ofereçam parâmetros para avaliar o resultado de diferentes experiências práticas, a partir da materialidade linguística dos textos intercambiados no processo de interação online.

Expandindo o escopo das reflexões para além das práticas pedagógicas, o décimo texto ilustra práticas sociais que foram afetadas pelos novos recursos oferecidos pelas mídias digitais. Nessa direção, Pereira, Costa e Saraiva discutem estratégias de compreensão de audio-books, uma realidade de registro de informação originalmente adotado para uso da comunidade de indivíduos com necessidades especiais no campo visual, mas que hoje é também adotado como uma das possibilidades de veiculação de

informações acadêmicas para um público mais geral. Esse estudo chama a atenção como a função e a situação de uso das diferentes modalidades podem ser afetadas pelas tecnologias e pelas mudanças que as mesmas desencadeiam nas práticas sociais. O texto instiga reflexões sobre novos tipos de leitores e Readers, cuja a recepção não se refere mais à interação direta com textos escritos, mas sim com a leitura em voz alta desses textos.

Assim, esperamos que o presente volume contribua para o desenvolvimento de estudos de natureza prática e teórica na área de uso de tecnologias digitais no ensino de línguas e convidamos os leitores a aguardarem o próximo volume temático da Revista Veredas que trará novas perspectivas sobre o mesmo assunto.

Denise Bértoli Braga (UNICAMP)
Kátia Cristina do Amaral Tavares (UFRJ)
Patrícia Nora de Souza Ribeiro (UFJF)
Editoras convidadas do Volume 20.1/2016

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Reitor

Marcus Vinicius David

Vice-reitor

Girlene Alves da Silva

Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação

Mônica Ribeiro de Oliveira

FACULDADE DE LETRAS

Diretora

Neiva Ferreira Pinto

Vice-diretor

Rogério de Souza Ferreira

Chefe do Departamento de Letras

Fábio da Silva Fortes

Chefe do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas

Mayra Barbosa Guedes

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística

Luiz Fernando Matos Rocha

COMISSÃO EDITORIAL

Luiz Fernando Matos Rocha

Sandra Aparecida Faria de Almeida

EDITORES CONVIDADOS DO VOLUME TEMÁTICO 20.1/2016

Denise Bértoli Braga

Kátia Cristina do Amaral Tavares

Patrícia Nora de Souza Ribeiro

ASSISTENTES EDITORIAIS

Aline Bisotti Dornelas

Rogéria Tarocco

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Campus Universitário s/n, Martelos 36036-900,

Juiz de Fora - Brasil Tel.: +55 32 2102 3135 Fax: +55 32 2102 3134

e-mail: ppg.linguistica@ufjf.edu.br

Copyright: Programa de Pós-Graduação em Linguística-UFJF